



Livro Amarelo



© 2025 – Carlos Sancier

Livro Amarelo

CARLOS SANCIER

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Revisão: Síndea Botelho Mascarenhas Leite

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Banco de imagens

(Freepik IA)

ISBN 978-65-988297-5-9

1ª Edição – 2025

• Impresso no Brasil

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Impresso na



a gráfica da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Sancier, Carlos

Livro Amarelo / Carlos Sancier – Limeira, SP: O
Espírito Político, 2025.
348 p.

ISBN: 978-65-988297-5-9

1. Ficção de suspense 2. Religião I. Título

25-4831

CDD – B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção de suspense

CARLOS SANCIER

LIVRO AMARELO

1ª edição – 2025



Aos meus filhos
Pedro e Luisa

— Que livros?

Bêncio hesitou:

— Não recordo. O que importa de que livros se tenha falado?

— Importa muito, porque aqui estamos procurando compreender o que aconteceu entre homens que vivem entre livros, com livros, pelos livros, e por isso também as suas palavras sobre os livros são importantes.

Eco, Humberto. *O Nome da Rosa*

Prefácio

Alexandre Júnior^[1]

Impossível entrar num mar agitado e esperar calma!

O Livro Amarelo é um mar revolto – e o é porque se lança em plena navegação pelo que há de mais atual na política social, sem perder o encanto de permanecer-se literariamente potente, «perigoso» e primoroso.

A ousadia percorre toda a obra, com convites implícitos e explícitos ao diálogo entre filosofia, política e realidade social concreta, ainda que se trate de uma produção ficcional. Que ouçam, ou que vejam, ou que leiam aqueles que conseguem trilhar os caminhos dolorosos dos dias atuais sem abandonar a luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Imagine propor reflexões politicamente engajadas sem abrir mão da qualidade literária? *O Livro Amarelo* é êxtase na boa leitura, mas também ecoa como um convite há muito adiado – porém direto – à

[1] Alexandre Júnior é escritor, pedagogo, educador e professor da Rede Municipal do Recife, Pernambuco. Dedicado às questões sociais contemporâneas sob a perspectiva espírita, com enfoque em temas como educação, gênero e sexualidades. Seu trabalho busca ampliar o diálogo entre o Espiritismo e as questões sociais urgentes da atualidade. Idealizou e coordena o *Ágora Espírita*, live semanal que visa a discutir, promover, debater e problematizar a relação entre o Espiritismo e as questões sociais, e o *NósPod - O Podcast das Discussões Sociais*, *podcast* semanal centrado na possibilidade de oferecer discussões e debates sobre política, sociedades, literatura, de forma democrática e sempre atendida com as demandas contemporâneas. Suas obras cujos temas redefinem o olhar sobre o Espiritismo e as questões sociais da atualidade são: *Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidades: um diálogo com as questões sociais*. Por uma Teoria Espírita sobre Gênero e Sexualidades: um diálogo decolonial. *Sociedade do Sujeito Inacabado: Deserto de humanidades na trajetória dos Espíritos*, e *Perspectivas Espíritas sobre Gênero e Sexualidades*.

discussão sobre a face mais dura e cruel da atualidade: o crescimento desenfreado da extrema direita, do nazifascismo e do fundamentalismo religioso. Tudo isso sem deixar de criticar com precisão o capitalismo e o neoliberalismo, entrelaçando política, filosofia e literatura.

Carlos Sancier ergue-se como um escritor corajoso, articulado, um intelectual na expressão mais responsável, sarcástica, consciente, questionadora e crítica dessa palavra.

O autor nos provoca, nos desafia, nos convoca a sair da inércia e da inanição política. É um chamado ao despertar, numa espécie de conclave, de uma consciência responsável e mentalmente sã (dentro do possível para os tempos atuais). Sua literatura avança, robusta e embasada, de encontro àquela paralisia que beneficia os poderosos e que alimenta os incautos a imaginarem ser possível a neutralidade política em tempos tão sombrios, escarpados e completamente motivadores de recrudescimento, assunção e *assunção* da mais pura estupidez, caracterizada e escancarada pelas redes sociais, que de tão fétidas feridas acobertam a ignorância como regulador do sucesso e da boa convivência!

Ao ler esta obra, a leitora e o leitor que se permitirem mergulhar nela encontrarão um nível de consciência da realidade tão profundo que a ficção que a sustenta chega a machucar. Sim, a provocar dor – uma dor íntima, um grito convocando à revolução e à rebeldia do pensamento livre, à quebra dos grilhões que nos impedem de gerar ideias legítimas, autônomas, capazes de resistir à turba que, presencialmente ou nas redes, luta para nos transformar em reféns de um sistema que esmaga pessoas e produz “lixo humano”. O sistema quer cúmplices, e muitos insistem em se tornar seguidores cegos de uma seita contra a vida, totalmente assassina da utopia. Não contentes em ceifar corpos, são ceifadores do esperar, vilipendiadores de quimeras, são homicidas da poesia. Defendem uma “vida sem vida” – aquela que não pensa, não sente, não ama – e se satisfazem

em seguir sem questionar.

A esses zumbis sociais – insensíveis do mundo globalizado, defensores da política armamentista, capitalistas convictos que idolatram o mercado em detrimento das humanidades, os que encontram ombros nos preconceituosos de toda natureza e dividem com esses o espaço social assolapador das vidas representativas das minorias sociais, esses não encontrarão paz, sossego ou conforto nessa leitura – pelo contrário, a esses, a indignação das realidades sociais que matam, inviabilizam e invisibilizam as vidas, essa leitura está posta como verdadeiras estacas ou balas de prata no peito dos insensíveis, dos moralistas, dos “homens de bem!

Os pensamentos desta obra têm um compromisso inato com a criticidade e a indignação. São revestidos de uma inteligência e perspicácia implacáveis contra toda forma de ignorância, estupidez e maldade cultivadas pelo conservadorismo e pelo fundamentalismo religioso – práticas atrozes de “antivida”.

Um aspecto bastante explorado no livro amarelo é a hipocrisia nossa de cada dia, revestida e principalmente travestida de fé. Tema extremamente necessário, urgente e atual. Essa ficção não se cansa ou se amedronta em torno dessa temática, muito pelo contrário, se debruça, escrutina e abre o debate tendo como centrais os personagens e as suas relações com a religião, ideologias políticas e ações de poder. Não se esconde que a religião e o poder caminham a *pari passu*!

Há os que, maldosamente (sim, maldosamente!), repetem o coro desafinado dos fundamentalistas, pregando uma suposta neutralidade – como se ignorância e maldade não fossem vizinhas, como bem lembra um poeta contemporâneo. Defendem o lema “*Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*”, mas se consideram “neutros”, confundindo imparcialidade com cumplicidade.

Livros como este não deixam espaço para dúvidas. Não alimentam – mas combatem – qualquer pensamento que flerte com o nazifascismo ou o fun-

damentalismo religioso. Opõem-se poética, política e literariamente a toda tirania, a toda vilania, servindo como bálsamo de conhecimento no coração da estupidez que desenfreada atropela toda forma de vida.

Naveguem neste mar “amarelo”. Permitam-se perceber, cara leitora e caro leitor, o quanto a literatura é crucial como contracultura da ignorância.

Deixamos esta reflexão aos navegantes: *Impossível entrar num mar agitado e esperar calma. Quase impossível enfrentar a tempestade e permanecer o mesmo marujo – principalmente se o oceano for o mar alto da vida.*

Breve comentário

Este é um livro incompleto. Tudo o que nele escrevi, escrevi pouco. Gostaria de ter a habilidade de esgotar, ao menos saciar, minha inconformação com o espírito do fascismo pairando sobre as águas brasileiras, mas não tenho tal talento. Para isso, eu precisaria ser um verdadeiro escritor, o artista cuja destreza reúne em uma só palavra um bom bocado do que passa em sua mente. Contudo, nasci sem essa habilidade, e envelheci rude, longe dela. Este livro, portanto, está incompleto, não traduz exatamente o que eu quis escrever, mesmo assim escrevi. Por quê? Caro leitor, pense comigo. O simples fato dele ter rompido tamanha inaptidão atesta sua filial natureza: a indignação. Eis a razão dele ter surgido. A indignação me extrapolou e se fez isto. Se assim não fosse, ela me consumiria e me guiaria a um tipo de felicidade detestável. Como se vê, este livro não foi planejado, foi incontrolado. Não foi suave, foi penoso, mas agora sinto que o entendo um pouco mais. Vendo-o, independente, dando-me as costas e sem se dignar me dar explicações, acredito que seu destino seja o de aliviar tantos outros como eu, permitindo à indignação virar obra e à felicidade ser legítima.

Capítulo único

Madrugada úmida de terça-feira. A Ponte de Ferro que tanto serviu à história de Recife agora servia de veio para a sobrevivência de um homem, a única via de uma improvável fuga da morte. Ele corria, e sua corrida em nada parecia com a de um atleta, mas sim com a de um animal desembestado pelo instinto de sobrevivência. Seu corpo pesado, mole, sedentário, mal conseguia conciliar respiração e pernas, respiração e braços, respiração e cabeça. Era a respiração funda, ritmada pela ânsia. Seus olhos agoniados mal definiam o que olhavam. Das pálpebras edemaciadas, brilhantes brechas avermelhadas e lacrimosas assumiam o timão em busca de um porto seguro. Do supercílio esquerdo, escorria o sangue que lhe empapava o pescoço e a camisa branca de botão e mangas curtas. O desespero amarrotava sua face em mil expressões estranhas, as quais, inexplicavelmente, combinavam perfeitamente com a papa de sangue. O ar, o maldito ar parecia recusar os apelos de seus pulmões, por isso ele arfava, escancarava a boca e erguia a cabeça sobre um tórax descompassado por dentro e por fora. O sangue não estancava. Havia algo de significativo naquele fluido vermelho, algo como se fosse um selo, uma assinatura, uma sentença, algo ritmicamente associado às batidas frenéticas dos sapatos sobre o chão frio da ponte.

O pobre diabo avançava, e o esgotamento também. Ele teimava, não se rendia, era insubmisso à lei da desgraça cujos liames invencíveis o desacelera. Ele faz o que pode. Luzes amarelas derramam sua

sombra no chão e o cansaço inclina sua cabeça sobre ela e, ao vê-la, compreende. O medo quase domina suas últimas bordas de coragem. Mas ele avança, vence a ponte, vence o medo, vence os fantasmas em seu encalço. Seu contorno é indistinto e sua feição assusta. Mendigos e viciados encolhem-se ao vê-lo. Ainda tem fôlego para alcançar a Praça Joaquim Nabuco. Para e se apoia em um carro velho, talvez abandonado, talvez só velho. Mal consegue respirar, curva o corpo cansado por alguns segundos, apoiando as mãos sobre os joelhos. Uma delas ainda trazia no pulso uma algema plástica a lhe apertar dolorosamente; no outro pulso, apenas a pele arrebitada pela força que ele fez para se livrar dela. Em seguida, ergue o tronco, a cabeça, as pálpebras edemaciadas. Ele procura uma saída, um lugar que lhe dê guarida, mas são uma hora da madrugada, não existe pouso seguro, só existem as sombras da noite e os animais e humanos que lhe pertencem. Gira de um lado ao outro, recapitula, sente o leve gosto de sangue que brotou mordendo os lábios. Um, dois, três carros passam pela rua Floriano Peixoto, indiferentes aos seus acenos. Rapidamente caminha em direção ao escuro. Antes de se agachar, a fim de se camuflar junto a um muro sombrio, ouve o seu nome. Fruto da imaginação, deve ter pensado, pois sequer olhou para trás, mas seu nome ecoou novamente e ele se sentiu como se sentem os desgraçados sonhando com a sua salvação anunciada por um anjo de cachos loiros e de espada em punho. Um automóvel de cor escura parou frente à praça, do lado oposto da rua, próximo à entrada da ponte; e, da janela do motorista, um braço masculino acenava para ele. “Oldemar!” Gritava a voz do automóvel. Era a ele mesmo que a voz chamava. Ele dá um salto com a mesma energia descarregada na ponte e corre em direção ao veículo que lhe abre a porta traseira. Ele entra com tanta rapidez que chocou a cabeça na outra porta do veículo.

— Graças a Deus! — Disse, Oldemar, ofegante, mal acomodado e apertando o ombro do motorista como gesto de intensa gratidão. — Graças a Deus!

Enquanto falava, o pobre coitado não percebeu que outro automóvel se aproximou e parou atrás do que ele acabara de embarcar, e que dois homens desembarcaram e correram para sua direção.

— Graças a Deus, você apareceu, ... meu amigo... Fui sequestrado... Cof, cof... Ai... Não consigo respirar... Foi Deus... Você aqui... Ai!... Foi Deus quem lhe enviou... Vamos! Por favor! Acelere!... Tire-me daqui... O quê! Não! Não! Soltem-me! Eu imploro! Soltem-me! Não! Nãoooo!

Lentamente, o motorista que acenou para Olde-mar acelera o veículo, transportando, no banco de trás, esse homem desesperado e outras duas criaturas desalmadas que lhe algemaram e encapuzaram.

* * *

— Muito bem! Mas há quem diga que há nisso certa dose de saudosismo, para não dizer “coisa de gente velha”.

— Não me parece um bom argumento. Veja bem, não podemos negar essa forma de pensar como uma interpretação, mas como ela não apresenta uma argumentação bem construída, nem uma crítica baseada em evidências, nem mesmo cita suspeitas colhidas pela experiência cotidiana. Essa interpretação está mais próxima de uma tentativa de desqualificação do que um argumento propriamente dito. O saudosismo é um fenômeno comum e compreensível, pois, muitas vezes, é o melhor que existe na vida de alguém. O apego de uma pessoa, até de uma coletividade, às coisas do passado é um fenômeno existencial com fundamentos racionalizáveis e respeitáveis, e não é simples teorizar sobre isso, cabendo a nós o cuidado de não nos aventurarmos sobre as questões que não dominamos. Contudo, o caso que citei trata de dados concretos, catalogáveis e, por que não dizer, ao alcance de todos; por isso, posso assegurar que não tem nenhum ponto de contato com o saudosismo.

— Por favor, fale a respeito, ou melhor, dê-nos um exemplo.

— Gosto de café, por isso frequento alguns *coffee shops* há anos. Isso me permitiu observar ao longo do tempo a mudança dos sabores vendidos em algumas cafeterias. Com o intuito de reduzir gastos, os proprietários e ou fornecedores mudam, de tempos em tempos, os antigos ingredientes por outros de menor qualidade...

— Parece razoável. Não seria em virtude do encarecimento dos insumos?

— Chegaremos aí. Antes, cuidemos dos efeitos. Ao agirem assim, tanto os proprietários quanto os fornecedores, as qualidades e os sabores dos cafés experimentados hoje simplesmente não mais existirão daqui a alguns anos. A experiência daquele sabor não se repetirá, existindo somente na memória daqueles que tiveram a oportunidade de usufruí-la no passado. Daí fica fácil compreendermos que ao falarmos de um sabor experimentado há anos não incorremos em saudosismo, embora os jovens sintam dificuldades em assimilar essa realidade. Não se trata, portanto, da manobra existencial daquele que sente dificuldades em “estar” presente, de ser notado, de encaixar sua rica bagagem de experiências no espaço dialógico da atualidade; na verdade, o que há é a dificuldade de o jovem compreender que aqueloutro traz notícias de experiências concretas que ficaram para trás e que, talvez, nunca tornem a acontecer.

— Interessante. Parece uma espécie de extinção.

— Mais ou menos. Existe uma diferença significativa entre esse conceito, dificilmente desconectado das espécies que deixaram de existir e os sabores que deixamos de gozar. É que, no primeiro caso, a extinção, seja ela pela força mesma das coisas ou pela ação predatória do homem, é irreparável, enquanto, no segundo, trata-se de um modelo maleável de controle entre custos e ganhos.

— Então há esperança.

— Eu não seria tão otimista.

— Opa! Que tal voltarmos ao café?

— Ele foi apenas um exemplo, mas o mesmo

ocorreu com todos os produtos alimentícios sujeitos à industrialização. Manteiga, queijo, chocolates, biscoitos e por aí vai. Entretanto, como o Mercado e a Indústria invocam em seus rótulos a fazenda, o campo, o sabor e a saúde, ou expõem em seus cartazes salvas aos anos de tradição do seu produto, o respeito às raízes e a fidelidade à qualidade, você só ouvirá, e somente ouvirá a verdade, a respeito da perda dos sabores pela boca daqueles que os provaram no passado, ou seja, daqueles que experimentaram os produtos e os gostos que não existem mais: os mais velhos.

— Aí é que entra a expressão “é coisa de velho”.

— (Risos) Sim, sim! Estamos tratando do conhecimento que o ancião carrega, e que somente é e pode ser carregado por ele. Compreender que uma experiência é patrimônio dos mais velhos não é uma desqualificação, é o reconhecimento daqueles que detêm as experiências originais. Mas, como o expectador pode ver, nossa juventude não é educada para enxergar isso. A cultura dentro do sistema capitalista impede, verdadeiramente impede, que o respeito à experiência ancestral se manifeste como celeiro de saberes e régua de aferição à validade das imposições atuais do Mercado. Esse respeito não é bom para os negócios, que estão sempre inovando gostos e preferências, criando formas de consumo por meio de produtos que precisam ser vendidos, e que só o serão com a obsolescência dos anteriores. A desqualificação das testemunhas do passado, como expressão cultural, é uma forma de frenagem civilizatória mantida pelo poder. Uma civilização estaca onde o poder determina o ponto de estabilidade dos grandes negócios. Os grandes negócios, eis onde se encontra o verdadeiro poder.

“Mas o que estou dizendo? A coisa é muito mais ampla e impregnada em toda a malha das relações humanas e comerciais. A lógica do Mercado é manter os olhos de todos fixados nos possíveis e empolgantes futuros, desenhados pelas perspectivas da indústria, do mercado e da economia global. É difícil

para o jovem não se sentir artífice desse glamuroso décor, como também é difícil para ele não enxergar as considerações dos mais velhos como pedra de tropeço ao progresso que ele ativamente participa. Os mais velhos viveram e conhecem as regras dos jogos. O que aqueles questionam das inovações é o que elas sacrificam, e do marketing, é a mentira estupidificante. É por isso que não se empolgam com certas manobras publicitárias.

“Estou saindo da curva, perdendo o foco da questão. O que tentei dizer é que a cultura capitalista põe parênteses na juventude; esta é “formada”, no sentido de cozinhar em formas, para estar sempre à mercê do timão do Mercado, ou seja, do produto final das megaestruturas econômicas, nacionais e estrangeiras, que interferem nas relações políticas internacionais, que financiam guerras e golpes de Estado, que impõem restrições de comercialização de produtos, nem que seja comprando suas patentes, que exploram os recursos naturais de outros países e financiam campanhas de políticos para que tudo corra sem riscos legais. Quando reduzi essa pirâmide ao termo Mercado, referi-me ao arranjo de relações resultantes dessa força geratriz impossível de ser alcançada pela classe trabalhadora. E, tornando aos idosos, seus alvitreiros são naturalmente enxergados como “coisa de velho”, fora dos ângulos enfeitados de geometria do progresso.”

— Isso me parece complicado. Tem alguma maneira mais simples de nossos telespectadores compreenderem o que você acabou de dizer.

— Perdão! Como disse, saí da curva. E, para ser sincero, o assunto não é nenhum um pouco simples. Algumas pessoas podem até pensar que sou adepto de alguma empolgante teoria da conspiração (risos). Mas não é nada disso. Vamos lá! Qualquer implantação de paradigma nos cenários do consumo e dos signos de distinção social, — notem que não falei “mudança”, mas “implantação” de paradigma, ou seja, algo engenhosamente planejado para interferir na subjetividade das massas — tem como meta pri-